

Etnografando o ensino de Jornalismo na UESPI – Universidade Estadual do Piauí. Reflexões, lições e autocríticas

Ethnography teaching Journalism at
UESPI – State University of Piauí. Re-
flections, lessons and self-criticisms

Etnografiando la enseñanza de Perio-
dismo en la UESPI – Universidad Esta-
tal de Piauí. Reflexiones, lecciones y
autocríticas



Orlando M. de Carvalho Berti

Pós-doutor em Comunicação, Região e
Cidadania pela Universidade Metodista
de São Paulo (UMESP), professor do
Bacharelado em Jornalismo da Univer-
sidade Estadual do Piauí (Uespi).

berti@uespi.br

Recebido em: 07/04/2019

Aceito em: 10/06/2019

RESUMO

Trata-se de um estudo de caráter etnográfico sobre o ensino de Jornalismo na UESPI – Universidade Estadual do Piauí – campus Poeta Torquato Neto, em Teresina (PI). Parte-se da problemática de quais são as consequências, evoluções e desafios do ensino de Jornalismo frente às questões contemporâneas desse curso. Objetiva-se: descrever a graduação, entender sua evolução e desafios, compreender suas perspectivas contemporâneas e propor reflexões que possam valer não só para seu status contemporâneo, mas também para o curso irmão da própria instituição, que funciona no Sertão do Piauí e de possíveis co-irmãos do Piauí e de outras unidades federativas do País.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Jornalismo. Ensino de Jornalismo. Etnografia. UESPI.

ABSTRACT

This is an ethnographic study about the teaching of Journalism at UESPI – Piauí State University – Poet Torquato Neto campus, in Teresina (Piauí, Northwest of Brazil). It starts from the problematic of which are the consequences, evolutions and challenges of the teaching of Journalism in front of the contemporary questions of this course. It aims to: describe the course, understand its evolution and challenges, understand its contemporary perspectives and propose reflections that may be valid not only for its contemporary status, but also for the sister course of the institution itself, which functions in the Desert of Piauí and possible brothers of Piauí and other federal units of the country.

KEYWORDS

Communication. Journalism. Teaching of Journalism. Ethnography. UESPI.

RESUMEN

Se trata de una investigación de carácter etnográfico acerca de la enseñanza de Periodismo en la UESPI – Universidad Estatal del Piauí – unidad Poeta Torquato Neto, en Teresina (provincia de Piauí, Noreste de Brazil). Se parte de la problemática de cuáles son las consecuencias, evoluciones y desafíos de la enseñanza del Periodismo frente a las cuestiones contemporáneas de ese grado. Se pretende: describir el grado, entender su evolución y desafíos, comprender sus perspectivas contemporáneas y proponer reflexiones que puedan valer no sólo para su estatus contemporáneo, sino también para el curso hermano de la propia institución, que funciona en el Sertão do Piauí y de posibles co-hermanos de Piauí y de otras unidades federativas del país.

PALABRAS CLAVE

Comunicación. Periodismo. Enseñanza de Periodismo. Etnografía. UESPI.

1 INTRODUÇÃO

Diariamente somos desafiados acerca do nosso futuro. Aliás, às vezes, pensamos muito mais no futuro que no presente. O amanhã é muito mais vislumbrado que o agora ou o próximo. Assim, sem polemizar muito, nos é apresentado uma série de bombardeios sobre nossas práticas sociais, profissionais, econômicas, políticas, religiosas e familiares, entre outras interfaces.

Em todas as profissões pensamos (ou deveríamos pensar) no que podemos fazer como diferencial, transformador, instigador e revolucionário. Para muitas e muitos é o que move a importância de poder atuar e interatuar em prol de um ideal.

Ao menos em nossa existência, mesmo passando dos 40 anos de idade, sendo 60% desse tempo dedicado ao Jornalismo, essas indagações continuam perfazendo nosso ser. Desse tempo, ao menos 45% dele é de dedicação às tentativas de ensino superior de Jornalismo. Acreditando que uma universidade é um local de harmonia e evoluções, dentre diferentes, entre o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão. Interfaces que fazemos questão de participar. Mas o ensino é a mola mestra de qualquer universidade, afinal é a interface que mais abarca o público que, no caso do Jornalismo, investe (no mínimo) quatro anos de suas vidas para tentar entender e vivenciar as interfaces da mediação informacional contemporânea.

Podemos realmente ensinar a fazer Jornalismo? Temos esse poder? Como fazemos isso? E como adquirimos essas habilidades? Esse trabalho tem sido eficaz e condizente com as questões de diferença, transformação, instigação e revolução?

Em tempos de tantos compartilhamentos, de novidades, de gerações apelidadas por letras (exemplo: Y, Z, K, sei lá o quê ...), em momentos de tantos atomismos sociais e coletivos, além de tantas crises (políticas, morais, sociais, econômicas e, claro, educacionais), qual é realmente o papel dos professores de Jornalismo no Brasil? Temos refletido e agido acerca disso?

Indagações como essas, entre milhares de outras, são feitas, citadas e recitadas diariamente, não só em nosso íntimo, mas também por nossas alunas e nossos alunos, além de quase todos que compõem a comunidade docente.

O objeto deste trabalho caracteriza-se no que culminam as consequências de um estudo etnográfico tendo como sujeito-objeto o então curso de Comunicação

Social – habilitação em Jornalismo –, bem como o novo curso de Bacharelado em Jornalismo – da UESPI – Universidade Estadual do Piauí – campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, capital do Piauí (maior cidade do estado e sede da instituição, que está presente em praticamente todas as regiões piauienses).

Parte-se da problemática do que e quais são as consequências, evoluções e desafios do ensino de Jornalismo frente às questões contemporâneas desse curso? Principalmente partindo-se do fato de estarmos dentro desses atos.

Objetiva-se: descrever o curso, entender sua evolução e desafios, compreender suas perspectivas contemporâneas e propor reflexões que possam valer não só para seu status contemporâneo, mas também para o curso irmão da própria instituição, que funciona no Sertão do Piauí (na cidade de Picos, a 307 quilômetros da capital) e de possíveis co-irmãos do Piauí e de outras unidades federativas do País. A exposição científica deste conteúdo é interessante também, principalmente na autocrítica dos fazeres do próprio ensino comunicacional e jornalístico contemporâneos. Afinal, é notório que precisamos acompanhar as evoluções e fazermos autocríticas. Vemos isso como vivência e busca da maturidade.

O trabalho é justificado a partir da necessidade de nos colocarmos em nossos lugares de fala e ação. Não só em uma perspectiva acadêmica, mas também nas questões sociais, principalmente no papel das próprias instituições de ensino superior. Parte-se de uma visão quase utópica, mas mais que necessária, da importância do papel social das instituições de ensino superior, notadamente as públicas, em uma formação holística e diversa frente a um período de tantas incertezas e mudanças das sociabilidades.

Metodologicamente, parte-se de um estudo etnográfico, sendo que a etnografia proposta e vivida é balizada em conceitos da própria Antropologia no estar dentro e sentir seus fenômenos trazendo-se ao campo comunicacional e seu sub-campo do ensino de Comunicação e Jornalismo. Balizamos também em Eckert e Rocha (2008) no sentido da reflexão de que esse tipo de estudo ajuda a vivenciar uma observação direta para investigação de saberes e práticas na vida social (no caso acadêmica) e reconhecer ações e representações coletivas da vida humana.

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador. (MATTOS, 2011, p. 50)

Este artigo é dividido em quatro partes, que pormenorizamos e explicamos a seguir.

A primeira parte, intitulada “A UESPI – Universidade Estadual do Piauí – desafios da educação superior no estado em que mais de 92% da população não tem curso superior”, de caráter de apresentação da instituição estudada, traz dados e um breve cenário do ensino superior no Piauí e seus desafios em relação ao pouco acesso da população piauiense ao ensino superior (índice também não tão distante dos indicadores nacionais).

A segunda parte, continuando a esclarecer acerca do objeto de estudo e trazendo um recorte maior do que é frisado, intitulada “O curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – campus Poeta Torquato Neto, em Teresina”, enfatiza sobre as questões dos cursos de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo e Bacharelado em Jornalismo) da instituição frente ao ensino de Jornalismo em território piauiense.

Já a terceira parte, intitulada “Os desafios do ensino de Jornalismo no estado do Piauí”, começa a trazer o recorte etnográfico do estudo, fazendo um aparato analítico da situação da formação em Jornalismo no Piauí, trazendo elementos para a parte crucial do artigo.

A quarta e última parte, de caráter analítico, intitulada “Etnografando o ensino de Jornalismo por mais de uma década na Universidade Estadual do Piauí. Lições, sugestões e autocríticas”, que traz elementos que ajudam a refletir o status acadêmico do curso e suas consequências.

Destaca-se que o trazido neste estudo não são leis, mas sim constatações que possam ajudar a refletir e trazer melhorias ao ensino de Jornalismo, não só na UESPI, mas também nas centenas de instituições que, contemporaneamente, tentam construir um país e um Jornalismo melhor e mais inclusivo.

2 A UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO ESTADO EM QUE MAIS DE 92% DA POPULAÇÃO NÃO TEM CURSO SUPERIOR

A UESPI – Universidade Estadual do Piauí – é uma das quase 50 instituições de ensino superior, entre públicas e privadas, da nona maior unidade federativa do País, o Piauí. Dessa quantidade de órgãos que oferecem ensino universitário (nível de graduação com suas licenciaturas, bacharelados e cursos tecnológicos), é uma das quatro instituições públicas de ensino superior do estado. Entre essa quantidade, é a UESPI uma das cinco a oferecer cursos de pós-graduação *stricto sensu*, nível de mestrado.

O Piauí possui, segundo o IBGE ESTADOS (2019), população estimada de 3.264.531 habitantes, sendo que desses somente 7,6% têm curso superior no estado, um dos índices mais baixos do País, mas também não tão distante da realidade nacional, que tem menos de 15% de seus habitantes concluindo cursos superiores.

Além da UESPI, o Piauí conta com as seguintes instituições públicas de ensino: o IFPI – Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí (presente em 18 municípios (IFPI, 2019)); a UFPI – Universidade Federal do Piauí (presente em quatro cidades (UFPI, 2019), sendo a instituição pública mais antiga do estado) e a caçula UFdPar – Universidade Federal do Delta do Parnaíba (instalada em 2018 e presente no litoral do estado, com uma unidade na cidade de Parnaíba, a 345 quilômetros ao Norte da capital, Teresina).

Essas quatro instituições detêm, aproximadamente, mais da metade do alumnado universitário do estado e promovem a maioria da pesquisa científica e atividades extensionistas. São também as instituições mais capilarizadas e presentes nas regiões mais pobres do território piauiense, atualmente dividido em 11 regiões de desenvolvimento regional: “Carnaubais; Chapada das Mangabeiras; Cocais; Entre Rios; Planície Litorânea; Serra da Capivara; Tabuleiro do Alto Parnaíba; Tabuleiros dos Rios Piauí e

Itaueiras; Vale do Canindé; Vale do Rio Guaribas e Vale do Sambito”. (CEPRO, 2013, p. 02)

A Universidade Estadual do Piauí é a única das quatro universidades públicas piauienses mantida pelo Governo do Estado. Até o início deste século o poder público estadual piauiense mantinha, além da UESPI, o Instituto de Educação Superior Antônio Freire, instituição voltada exclusivamente para a formação de docentes. Por conta de contenção de gastos, a formação de docentes ficou a cargo exclusivamente com a UESPI (também fundada originalmente para este fim) e em 2019, segundo prevê reforma administrativa apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, o Instituto de Educação, seus quadros funcionais e prédios, serão finalmente fundidos com a UESPI.

A instituição, que em 2019 completa 32 anos de existência, não tem orçamento próprio, apesar de luta histórica para este fim. Sua autonomia é apenas administrativa, sendo que é a comunidade uespiana que escolhe, a cada quatro anos, seus reitores e vice-reitores. Esses, por sua vez, escolhem, sem intermédio do Governo do Estado, seus pró-reitores, diretores e coordenadores, sendo que os centros de ensino e campi também têm autonomia para escolherem, através do voto direto (envolvendo docentes, discentes e o corpo técnico-administrativo), seus diretores, vice-diretores e coordenadores de cursos de graduação.

É a instituição que mais forma professores no estado, sua vocação inicial e que está presente nas regiões mais pobres do Piauí.

Um dos grandes paradoxos é que essa gigante, das quatro instituições públicas de ensino superior do Piauí, é a que tem menos recursos e os mesmos dependem, ano após ano, de emendas parlamentares (estaduais e federais) para ter seu funcionamento garantido.

Desde o final de 2018, foram prometidos sérios cortes na instituição, dado as situações de quase esgotamento financeiro do Governo do Estado do Piauí. A instituição começou 2019 com uma série de cortes e readequações financeiras, passando por sérias modificações, assim como todos os órgãos públicos piauienses. No meio de março de 2019, foi deflagrada uma greve geral, tendo apoio maciço de toda a universidade.

Espera-se mudanças e maior reconhecimento estatal da instituição, principalmente porque a UESPI tem fortes laços de conagração e atuação em lugares que as co-irmãs (mesmo as públicas) ainda têm pouca atuação.

A instituição está presente com ensino regular e presencial em 12 cidades do Piauí (Barras – a 128 quilômetros ao Norte da capital, Bom Jesus – a 605 quilômetros ao Sul da capital, Campo Maior – a 85 quilômetros ao Norte da capital, Corrente – a 844 quilômetros ao Sul da capital, Floriano – a 248 quilômetros ao Sul da capital, Oeiras – a 282 quilômetros ao Sul da capital, Parnaíba – a 345 quilômetros ao Norte da capital – no litoral piauiense, Picos – a 314 quilômetros ao Sul da capital, Piripiri – a 166 quilômetros ao Norte da capital, São Raimundo Nonato – a 522 quilômetros ao Sul da capital, Teresina e Uruçuí – a 499 quilômetros ao Sul da capital, espalhadas em 11 das 12 regiões de desenvolvimento do estado). Através de convênio com o Programa Universidade Aberta do Piauí (que procura formar pessoas das próprias cidades interioranas para atuarem nos próprios municípios), está, através de ensino à distância, em mais de 170, dos 224 municípios do Piauí.

Segundo o próprio site institucional (UESPI, 2019), a única universidade pública estadual do Piauí, até o início de 2019, oferecia 211 cursos superiores de graduação, sendo 95 presenciais, dois mestrados acadêmicos, tinha 106 grupos de pesquisa ativos (dois, inclusive na área de Comunicação), 1427 professores, sendo 872 efetivos e 555 temporários; 21.489 estudantes, sendo 18.036 de graduação. Um desses cursos é o de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, sendo que a habilitação em Jornalismo e o recém-criado curso de Bacharelado em Jornalismo, caracteriza-se como corpus deste estudo. Nota-se que, ao menos em termos de número de professores, os dados estão desatualizados, visto que em 2018 foi feito um concurso público que chegou à marca de proporcionar à instituição a contratação de seu milésimo professor efetivo.

10

3 O CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - CAMPUS POETA TORQUATO NETO, EM TERESINA

O Piauí, tinha até o início do segundo trimestre de 2019, seis cursos de Comunicação Social, sendo que cinco oferecem Jornalismo, ou como habilitação da antiga

área de Comunicação Social ou como Jornalismo já autônomo, passando por adequações à Resolução Nº 1, de 27 de setembro de 2013, do Ministério da Educação, que instituiu as Novas Diretrizes Curriculares de Jornalismo (MEC, 2018). No caso da Universidade Estadual do Piauí, há o oferecimento das duas modalidades.

O curso de Jornalismo mais antigo do Piauí é o da Universidade Federal do Piauí (UFPI), fundado no meio dos anos 80 do século passado. Por quase duas décadas, foi a única instituição a formar jornalistas no estado, por cerca de 40 por ano.

Somente no início deste século foi que a UESPI fundou seus dois cursos (ainda em funcionamento). Em 2001, na capital do Piauí, campus Poeta Torquato Neto e no ano seguinte na cidade de Picos (a 307 quilômetros ao Sul da capital). Anos depois, foram fundados os cursos de Comunicação Social – Jornalismo no então CEUT – Centro de Ensino Unificado de Teresina, atualmente controlado pelo grupo internacional Kroton, chamando-se Estácio CEUT. O outro curso de Jornalismo do Piauí é o da Faculdade Raimundo Sá, também na cidade de Picos. Por mais de dez anos a Faculdade Santo Agostinho (também privada) manteve o curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, mas foi descontinuado devido estratégias comerciais da instituição e também devido a pouca procura de alunos. A Universidade Maurício de Nassau, no seu campus da cidade de Parnaíba (a 345 quilômetros de Teresina) anunciava que em março de 2019 iniciaria as atividades de seu curso de Jornalismo. Até a conclusão desse material, o curso não estava em funcionamento.

Segundo Orlando Berti (2017), o curso de Comunicação Social UESPI foi concebido no momento em que a instituição dava seu segundo maior salto expansionista de sua história. O primeiro foi a sua instalação e revolução, notadamente na tentativa de formar professores para atuarem nas mais diversas disciplinas. Nesse período, a universidade completava seus 15 anos de existência e era uma das dez maiores instituições do país em número de alunos. “Tinha unidades espalhadas não só no Piauí (passando de 50), mas também na Bahia e no Maranhão. Ainda havia a possibilidade de avanço para outros estados”. (BERTI, 2017, p.80). Ter o segundo curso de Comunicação Social – Jornalismo – do estado foi uma das consequências dessa expansão, principalmente porque era estratégia do Governo do Piauí formar mais mão de obra para atuar no avanço quantitativo dos órgãos estatais naquele período.

Pela primeira, e talvez única, vez na história do Piauí, um governo do estado (mesmo pensando nisso só como política e partidariamente), teve como elemento estratégico a instalação de graduações voltadas para uma realidade expansionista e pensando claramente um futuro, nem que fosse sem tanta estratégia a longo prazo.

O curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – da Universidade Estadual do Piauí – foi criado no final do ano 2000 (nas vivências expansionistas da instituição, inclusive com inserção de bacharelados) e começou suas atividades em março de 2001 com 40 alunos e dois professores da área (sendo uma a coordenadora). Essas duas docentes eram substitutas.

Até o primeiro semestre de 2019, o curso de Comunicação Social da UESPI já tinha formado 14 turmas, com mais de 350 jornalistas sendo colocados no mercado, inclusive no acadêmico.

O curso funciona no campus central, Poeta Torquato Neto, no bairro Pirajá, zona Norte de Teresina e pertence ao CCECA – Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes, que converge a área de Comunicação Social, o Bacharelado em Jornalismo e, ainda, o curso de Pedagogia. Desde 2015 que o Centro tenta implantar o curso de Bacharelado em Relações Públicas e o Licenciatura em Artes – habilitação em Artes Cênicas.

Nesse mesmo período, o curso funcionava com a média de 40 alunos, em duas turmas (uma no oitavo período e outra no décimo período), já que, desde março de 2017, começou a funcionar na instituição o curso de Bacharelado em Jornalismo. Em março de 2019, ganha sua terceira turma, tendo, aproximadamente 110 alunos (no primeiro, terceiro e quinto períodos). O curso agora funciona em período integral (com turmas nos períodos matutino e vespertino e outras no período vespertino e noturno), tendo 12 docentes, sendo dez efetivos e dois substitutos, sendo um pós-doutor, duas doutoras, dois afastados para doutoramento e sete mestres.

É essa realidade que nos leva a entender os desafios de se ensinar Jornalismo, ou tentar, no Piauí.

4 OS DESAFIOS DO ENSINO DE JORNALISMO NO ESTADO DO PIAUÍ

Os principais desafios do ensino de Jornalismo no estado do Piauí residem principalmente no próprio futuro de quem é formado pelos cinco cursos ainda existentes no estado. Já que com as atuais crises, juntas às crises constantes da área não há uma garantia que os dois cursos de instituições privadas que ainda funcionam no Piauí mantenham suas atividades por muito tempo.

Entre as instituições de ensino de Jornalismo no estado há, em média, visto que os dados mudam quase que semanalmente, mais de 750 estudantes na área, sendo aproximadamente 300 na UESPI, nos campi da capital e do Sertão, aproximadamente 250 na UFPI, aproximadamente 100 na Estácio CEUT e aproximadamente 100 na Faculdade R.Sá. Forma-se no estado, a média de 200 jornalistas por ano, sendo que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí não registra mais de 100 novos jornalistas anualmente, mostrando que ou a metade dos que se formam em Jornalismo no Piauí não se sindicaliza ou essa metade não vai diretamente para o mercado ou ainda trabalha de maneira precária. Outro ponto é que algumas emissoras de TV do Piauí não aceita que os profissionais se sindicalizem na área de Jornalismo, mas sim na de Radialismo. No estado o piso salarial dos radialistas é menor do que os jornalistas.

Entremeio a isso prega-se o otimismo. Note-se, reconheça-se, que não há um sentimento negativo coletivo. Nossa experiência, notadamente com o alunado dos períodos iniciais, é que os sonhos permanecem em voga e o desejo de ser jornalista, mesmo não havendo mais a necessidade do diploma de ensino superior para tal, ainda faz parte das vidas e sonhos de jovens (em idade e pensamento).

Há uma demanda crescente por educação superior e um reconhecimento sobre sua importância estratégica para o desenvolvimento econômico e social. Sem dúvida, a educação superior vem dando amplas demonstrações de sua importância para promover transformações na sociedade, por isso passou a fazer parte do rol de temas considerados prioritários e estratégicos para o futuro das nações. (NEVES, 2007, p.14)

Uma das características prementes sobre os novos grupos que procuram as graduações em Jornalismo no Piauí é sobre o aumento da idade de boa parte dos cursistas. Nota-se que esses dados variam de instituição para instituição, mas que a

situação é premente em todas as universidades do estado que oferecem a graduação em Jornalismo.

A maioria é originária de outros cursos (alguns fazendo até a terceira ou quarta graduação e muitos já são até pós-graduados e têm empregos consolidados). Outros são profissionais do mercado que, depois de certa maturidade, têm procurado a Academia como busca de complementação de estudos e evolução pessoal, teórica e humanística de suas práticas comunicacionais. Nota-se que esse tipo de público é mais forte nos dois cursos de Jornalismo do interior piauiense.

A busca pelos cursos de Jornalismo, notadamente nas universidades públicas, se dá para a realização de sonhos, muitas vezes de crianças. Esse tipo de público ajuda a melhorar o nível e, principalmente, o foco das turmas de futuros jornalistas no Piauí.

Sobre os jovens em idade que procuram os cursos, a torcida é que a situação se volte e que as altas taxas de inadimplência apontadas e o desinteresse de boa parte da nova geração em querer fazer cursos mais modais como Direito, Enfermagem e das áreas de Engenharia, voltem a alimentar e incentivar as famílias piauienses para a área de mediação informacional.

Mesmo havendo uma colossal diferença geográfica entre a capital, que tem três cursos (sendo dois públicos) e o Sertão, que tem outros dois (um público e um privado), nota-se, nas próprias vivências e contatos quase que semanais com colegas que trabalham nessas instituições, muitas vezes em públicas e privadas ao mesmo tempo, que os problemas terminam sendo praticamente comuns entre as instituições que oferecem formação superior em Jornalismo no estado do Piauí.

É nítido que na capital há uma formação mais voltada para as assessorias de comunicação e para as mídias online e televisiva, áreas que congregam mais de dois terços do mercado de trabalho. No caso das instituições do interior, do público formado, também é absorvido em parte mais pelas assessorias de comunicação (a maioria políticas e de administrações públicas) e nos mercados de online e radiofônico.

Outro grande desafio da própria Academia é provar para o mercado, principalmente o televisivo e o radiofônico, ainda forjados por muito sucesso via espetacularização de que o ensino universitário pode ser um aliado e não um vilão.

Apona-se também como reflexão, mais que necessária, a questão da formação constante dos professores como aponta Paulo Freire (1997), nas autonomias docentes e discentes, bem como na interação de saber entre as coletividades para entender as individualidades e vice-versa.

Em uma geração de alunos infoconectados e sapientes das tecnologias atuais, a utilização da conversa cara a cara, via diálogo é um ponto fundamental.

Cabe à todas as instituições estar em consonância com essas novidades e, principalmente, se preparar.

Se houver a indagação se estamos preparados, já pensando na prática e no debate sobre a etnografia, respondemos que somente em parte. Mas isso é ruim? É preocupante? Ao menos em nossa modesta opinião, não. A palavra que melhor define essa situação é que a atual conjuntura é desafiadora. E é de desafios que evoluímos e construímos um mundo melhor. Vamos às discussões sobre!

5 ETNOGRAFANDO O ENSINO DE JORNALISMO POR MAIS DE UMA DÉCADA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. LIÇÕES, SUGESTÕES E AUTOCRÍTICAS

15

A etnografia proposta nesta parte do trabalho, a qual caracteriza-se como momento analítico do mesmo, não é um tratado científico por completo, mas uma visão sistematizada, mediante o procedimento metodológico da Etnografia e a própria história de vida apresentada no escopo. Baliza-se em momentos e ações temporalmente abarcados em mais de uma década de atuação em docência, pesquisa, extensão e gestão nos cursos de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – e Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – campus Poeta Torquato Neto.

Isso não quer dizer que é apenas uma história de quem vive, viveu (no singular), mas também visões desses momentos e, principalmente, reflexões e autocríticas que possam servir de base e até de evolução coletiva para o ensino de Jornalismo no Brasil, tendo-se o balizamento do que ocorre e ocorreu na Universidade Estadual do Piauí.

Para muitos é um exagero, e até excentricidade, falar de uma unidade federativa tão distante dos grandes centros do País e muitas vezes reconhecida apenas por seu histórico de miséria. Não se nega esses dados, inclusive os mesmos foram descortinados no primeiro capítulo. Fatos como esse tornam a formação do jornalista no Piauí e em outras unidades federativas do País, que padecem da mesma fama (a maioria do Norte e Nordeste brasileiro), mais desafiadora para termos a noção de positivamente mudarmos nossa realidade. E essas mudanças podem vir com pequenos atos e ações no nosso dia a dia.

Conseguimos? Diria que estamos conseguindo na medida do possível e na evolução das estratégias para erramos cada vez menos. Esses erros têm sido refletidos principalmente no decorrer de nossas práticas acadêmicas e, notadamente, no que fazemos de concreto para que ações antes tida como não tão positivas, não sejam repetidas. A fala dessa interface é praticamente coletiva em nossa visão etnográfica do sujeito-objeto.

O primeiro ponto a ser refletido sobre o próprio ensino de Jornalismo é seu paradoxo frente a quem media esse conhecimento pedagógico. Ao menos na UESPI, a totalidade dos professores é de bacharéis, profissionais teoricamente formados em um primeiro momento para o mercado jornalístico redacional. Com exceção de três membros, dois que passaram por especialização em Docência Superior e um que trilhou quase a totalidade de um mestrado em Educação, a prática pedagógica constante se dá no dia a dia do próprio ensino de Jornalismo.

É fato, e temos que aferir e refletir, que a falta constante de um trato pedagógico, tendo a autocrítica da necessidade e do dever de termos fóruns locais mais adequados para tal, poderia ajudar a melhorar e avançar com mais afinco nossas práticas pedagógicas. Surge uma primeira provocação sobre a importância e sistematização dos encontros pedagógicos anuais, a nível de estado.

Isso não quer dizer que não hajam preparações, principalmente nas elaborações de planos de curso, planos de aula e nas atividades extraclasse. Mas deveria haver, inclusive curricularmente, nem que fosse a título de disciplinas eletivas, um maior preparo para a docência do ensino superior em Jornalismo, com uma maior interação com os colegas da área pedagógica. No caso da UESPI, fazendo-se uma autocrítica, o

pecado dessa interface é duplo, já que o curso de Teresina faz parte do CCECA – Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes, justamente o Centro que prepara os professores formados pela instituição e que contém em seus quadros os maiores especialistas docentes.

O estudo em si, pode ser dividido ainda nas quatro perspectivas básicas que balizam uma instituição de ensino superior: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Por que falar nisso e disso? Já que é quase um mantra nas universidades públicas tocar nesse tipo de questão.

Mesmo considerado cansativo é necessário, visto que é no debate que se evoluiu. Novamente evocamos as questões freireanas, encontradas FREIRE (2011 e 2014) e SILVA (2018), obras que trazem a questão da importância de uma educação mais inclusiva, aberta e de diálogos. São exemplos entremeio à prova da necessidade de nossas ações pedagógicas.

No quesito ensino, nota-se que essa década foi a perspectiva que mais evoluiu, principalmente em questões qualitativas e quantitativas. Apresentou-se uma multiplicação circunstancial na contratação de professores via concurso público. Uma garantia de ter quadro efetivo e mais comprometido com a instituição, visto que os professores substitutos têm estada temporária.

Um dos pontos não tão positivos sobre isso é que o último concurso para provimento de vaga para docência em Comunicação na UESPI, campus Poeta Torquato Neto, foi no meio do ano de 2005. Desse período até 2019 todos os concursos que ocorreram (para preenchimento de pouco mais de dez vagas em todo esse interim) foi para a contratação de professores temporários (quase 20 vagas). No caso da UESPI essas contratações podem ser feitas em períodos que variam (de acordo com as necessidades da instituição) de um a quatro anos. Em 2019, o curso passava por seu período com menos professores efetivos, somente dois. Esses mesmos, são alunos egressos da instituição que fizeram pesquisas, pós-graduações e retornaram como docentes. No corpo permanente a UESPI ainda não tem na área de Jornalismo nenhum egresso. Quase a totalidade do corpo docente atual é egressa da UFPI – Universidade Federal do Piauí.

Nas questões do ensino também é desafiador entender a multiplicidade e heterogeneidade dos públicos que procuram a universidade. Um dos desafios é se fazer um perfil formal sobre o nosso alunado, entender suas condições sociais, seus problemas, suas esperanças. Esse tipo de sistematização é feito de maneira informal e pessoal de cada docente. Mas carecemos de um maior entendimento dessa interface, até para que possamos oferecer melhor ensino.

Já no quesito pesquisa, enfatiza-se que a evolução na própria formação acadêmica dos professores do curso, partindo para a realização de mestrados (em 2018 o curso formou sua última professora especialista em um curso de mestrado) e doutorados ajudou na questão do campo prático científico, inclusive com o início da formação de grupos de pesquisa, alguns deles registrados na instituição e nacionalmente.

Eminentemente, saiu-se de uma questão do entendimento da pesquisa apenas nas fases de feitura dos TCCs – Trabalhos de Conclusão de Curso, para uma fase de maior prática de projetos de pesquisa e de iniciação científica, a maioria sendo reverberados nacionalmente.

Uma maior inserção na pesquisa científica representou maior produção, maior interação nacional do curso, com participação de docentes e discentes e eventos nacionais, e até internacionais, e em uma maior cultura de que a pesquisa científica não serve somente para produção e publicação de artigos científicos, mas também a consciência de que a pesquisa também está no dia a dia e faz parte da própria vida do mundo jornalístico, visto que quaisquer matérias jornalísticas passam (ou deveriam passar) por pesquisa e forte levantamento de dados.

Pesquisar significa, ao menos para a realidade estudada, um avanço também no entendimento do que o mercado está fazendo e de suas interfaces. A maioria desse material tem sido de pesquisas empíricas e quase sua totalidade trazendo temáticas locais e regionais.

Uma consequência direta disso foi o aumento nos últimos anos da quantidade de egressos que seguiram carreira acadêmica, muitos até fora do estado.

Em 2018, o curso foi contemplado pela primeira vez com bolsas de iniciação científica do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Essas bolsas são dadas apenas aos professores que têm o maior índice de produtivi-

dade científica na instituição. Desde 2008, o curso é contemplado com bolsas de iniciação científica.

Na questão de extensão nota-se que o curso passou de uma tradição praticamente zero em projetos extensionistas para, a partir de 2017, notadamente com o incentivo da instituição em diminuição de carga-horária para projetos extensionistas. O curso fechou o ano de 2018 com quase uma dezena de projetos de extensão registrados e com sua primeira bolsa no PIBEU – Programa de Bolsas de Iniciação em Extensão Universitária.

As extensões versam nas várias áreas comunicacionais, desde as questões sobre feminismos, vivências históricas, comunitárias, passando até para a relação entre as sociedades e interfaces de um Piauí múltiplo.

É na área da extensão universitária a maior interligação com o curso irmão da UESPI de Teresina. Por quase cinco anos os cursos da capital e do Sertão tiveram um projeto de extensão em conjunto, congregando docentes e discentes em práticas e vivências sociais coletivas. Escolheu-se as cidades com menor IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – do Piauí para fazer projeto pioneiro de comunicação comunitária e popular. O projeto foi temporariamente descontinuado por causa da falta de recursos e da situação de crise financeira que se encontra a instituição.

Anualmente, são apresentados ao menos quatro projetos de extensão no curso de Jornalismo de Teresina.

Na quarta, e muitas vezes deixada de lado, questão da gestão, nota-se que ela também avançou. Afirmamos que menos que os outros quesitos, já que nunca houve um interesse tácito dos próprios docentes na questão da gestão. Isso é dado, muitas vezes, porque a própria gestão não tem sua valorização pecuniária direta e gerir um curso termina angariando tempo que poderia ser dispendido em outras interfaces do ensino, da pesquisa e da extensão.

Coordenar um curso, em uma instituição pública, com acertos e muitos defeitos, termina por desencorajar a maioria. A questão pecuniária que poderia ser uma boa atratividade de interesses e incentivos por imenso trabalho, também é deixada de lado, já que os incentivos financeiros para quem coordena um curso, muitas vezes

exigindo presença nos períodos matutino, vespertino e noturno, de segunda a sábado, termina não seduzindo muitos possíveis coordenadores.

Por isso, em toda a história do curso de Comunicação Social da UESPI, o curso só teve dez gestores, sendo que um deles passou praticamente metade do tempo de toda a existência do curso.

Nota-se que entre as diferenças, lugares de formação e lugares de fala, o curso permanece funcionando e que um dos maiores quês de sua existência é continuar contribuindo para um Piauí diferente e mais inclusivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, principalmente, que permanece desafiador o ensino de Jornalismo contemporâneo. E no Piauí, e muito menos na UESPI, essa perspectiva não foge à regra.

Longe de trazer questões diretas à política-partidária, governabilidade, economia e macrossociedade, mas as conjunturas contemporâneas trazem preocupação e sentimento de desafio.

A etnografia apresentada nos traz reflexões a partir de que os cursos estudados, e vividos, evoluíram, tiveram melhorias, souberam passar por crises, mesmo com uma série de cicatrizes e traumas, mas que, ao adentrar em 2019, talvez em seu pior momento de tratamento, por parte do Governo do Estado, continuam formando, trazendo consequências sociais diretas e evoluindo em seus fazeres e saberes.

Todas essas constatações continuam provando que o maior patrimônio da UESPI seja o seu material humano. Por ser feito de pessoas, que convivem com tantas crises e rugas, terminam por se congregar mais que nos outros lugares.

O afeto apresentado potencializa o patrimônio uespiano e elenca o fato do alunado de seus cursos serem os mais procurados pelo mercado no estado, serem os que mais passam em concursos públicos, inclusive os docentes e os que têm menos evasão.

A situação da Universidade Estadual do Piauí e das instituições de ensino superior do estado talvez não sejam diferentes da maioria das instituições públicas e pri-

vadas do Brasil. No caso da área de Jornalismo as características praticamente mantêm-se as mesmas.

O ano de 2019 começa em dicotomias de um ciclo melhor, para uma metade do país, entre alunos, parentes e servidores técnico-administrativos e docentes das instituições de ensino superior do Brasil. Bem como igual sentimento de que os mesmos grupos, em praticamente igual número, são niilistas com a situação do País, refletindo também nas próprias instituições de ensino superior. Nota-se que essa situação também é transparecida no dia a dia da própria UESPI.

No caso do Piauí a questão governamental não muda tanto, já que o estado permanece comandado pelo bancário Wellington Dias (PT), que em outubro de 2018 foi eleito pela quarta vez (sempre em Primeiro Turno) para governar o estado. Uma das plataformas da campanha eleitoral dele é trazer o ensino superior, via educação à distância, para todas as cidades do Piauí. Não foi plataforma direta da campanha, ampliação física das instalações da UESPI e muito menos falou-se sobre os cursos de Jornalismo da instituição. A instituição, no mês de março, entrou em greve, justamente solicitando melhorias nas questões estruturais e cumprimento das garantias de promoções de professores e convocação de docentes classificados em concursos.

Um dos pontos positivos da universidade é que o segundo principal líder da mesma, é um docente do curso de Jornalismo, o professor-doutor Evandro Alberto de Sousa, fundador do curso de Comunicação Social do campus de Picos (no Sertão do estado) e até hoje, em todo o Piauí, o professor de Jornalismo a galgar o maior cargo em uma instituição de ensino.

Será que a Academia está preparada para tamanhas mudanças e para tamanhas dicotomias?

Ou é mais uma utopia tentar acompanhar tudo isso? A etnografia feita, no caso estudado, nos mostra que as utopias são necessárias, válidas, prementes e que são delas que a Academia se reconstrói, inova, ousa e age, principalmente vivenciando o respeito. Talvez sejam essas ações algumas das pistas às respostas sobre que futuro é esse?

Frisa-se que este não é um trabalho que termina por aqui, já que o próprio fenômeno relatado e refletido é dinâmico, necessitando de mais ampliações e, princi-

palmente, críticas. Não é uma camisa de força e, muito menos, um tratado de procedimentos, mas um relato que tenta, em conjunto com outros instituições e colegas docentes, construir graduações melhores em Jornalismo. E isso significa, além de pensar e escrever, agir muito.

À ação!

REFERÊNCIAS

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. Os 15 anos do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas – do campus Poeta Torquato Neto em Teresina (PI): histórias, reflexões e consequências para a construção de um Piauí diferente. IN: ARAÚJO, Raimundo Dutra de; CARVALHO, Clarissa Sousa de; SOUSA, Ana Cristina Meneses de. **Dossiê Uespi – 30 anos**. Teresina: Fundação Universidade Estadual do Piauí, 2017, p. 77-97.

CEPRO – FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ. **Plano de Desenvolvimento Sustentável do Piauí** – Produto 1: Plano de Trabalho Detalhado (Revisado). Teresina: Fundação Cepro, 2013.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. IN: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; PINTO, Céli Regina Jardim. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p. 1-23.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados sobre o Piauí**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

IFPI – INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. **Presença do IFPI no Piauí**. Disponível em: <<http://libra.ifpi.edu.br/campi>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução Nº 1, de 27 de setembro de 2013**, que Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso: 30 dez. 2018.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Desafios da educação superior. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n.17, p.14-21, 2007.

SILVA, Nayara de Paula. **Ensinar o quê? Para quem?** Como usei os temas geradores de Paulo Freire para promover a educação ambiental. Curitiba: Appris, 2018.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **UESPI em números**. Disponível em:

<http://www.uespi.br/site/wp-content/themes/uespi/uespi_em_numeros.html>. Acesso em: 01 jan. 2019.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Presença da UFPI no Piauí**. Disponível em:

<<http://www.ufpi.br/>>. Acesso em: 02 jan. 2019.